

Povos Indígenas no Brasil

Fonte O Estado de São Paulo Class.: 17
 Data 12 de Setembro de 1987 Pg.: _____

Cultura

Para o conhecimento das línguas indígenas

190

E. A. Magalhães

Ainda que ultimamente o problema indígena tenha ganhado muitas páginas da imprensa diária, rendendo inclusive dividendos políticos para determinados grupos, poucos são os trabalhos destinados ao grande público que procuram divulgar seriamente os conhecimentos atinentes aos índios brasileiros.

Sem sombra de dúvida, merece citação a cuidadosa obra de Julio Cesar Melatti (*Índios do Brasil*) que agora, poderíamos afirmar, é completada por *Línguas Brasileiras*, de Aryon Dall'Igna Rodrigues.

Durante algum tempo Aryon Rodrigues, discípulo do estudioso paranaense Mansur Guérios, divulgou através do periódico *Porantim*, órgão do Conselho Indigenista Missionário, artigos a respeito das línguas indígenas brasileiras, com a finalidade de "informar sobre a existência e a distribuição das línguas hoje faladas no Brasil". Como era de esperar, o autor o fez bem e com proficiência.

Um primeiro capítulo é dedicado a observações gerais de ordem lingüística sobre algumas línguas indígenas. Assim é brevemente descrito o sistema de sons do Tupinambá — que deixou de ser falada na forma que existia nos séculos XVI e XVII ..., mas, pode dizer-se, teve continuidade até hoje, sob forma muito alterada, transfigurada em língua de "civilizados". Seguem-se boas anotações sobre o verbo nas línguas Tupinambá e Kadiwéu e os demonstrativos nas mesmas, fazendo, às vezes, comparações com o Português para melhor elucidação.

O autor, especialista em línguas do Tronco Lingüístico Tupi, dedica a elas três capítulos — a família Tupi-Guarani, o tronco Tupi e as línguas gerais.

A grande dispersão das línguas da família Tupi-Guarani indica que os antepassados dos povos que as falam empreenderam muitas e longas migrações. Essa característica migratória pré-colombiana pôde ser observada também depois do início da colonização européia no Brasil e na América espanhola. Atualmente ela é ainda observável nos Guarani Mbiá que, em sucessivas levadas, se deslocam do sudoeste do Brasil, do nordeste da Argentina e do Paraguai oriental em direção ao leste, até alcançar o litoral atlântico, o qual passam a acompanhar em direção do nordeste, refazendo, mais de 500 anos mais tarde, as migrações que levaram seus parentes pré-históricos a ocupar a costa do Brasil, onde os encontraram os portugueses em 1500.

Língua geral foi o nome dado a uma "língua popular, geral a índios missionados e aculturados e a não índios". Era nada mais nada menos que a Língua Brasilíca, isto é, o Tupinambá difundido entre os colonos que viviam com mulheres indígenas, o que determinou a difusão da língua materna entre seus filhos. Isto é o que ensina o tupinólogo.

A complexidade de estudo do tronco Macro-Jê — onde se alinham os Boróro, os Kaingáng, os Kayapó, os Karajá, os Xavante, os Pataxó etc. — é demonstrada num pequeno capítulo. Naturalmente os leitores esperam por mais dados na próxima edição.

consideração de detalhes do comportamento dos sons, da gramática e do vocabulário. Esse estudo, embora iniciado no século passado (por von den Steinen e pelo francês Lucien Adam), ainda se mantém num estado rudimentar, devido à precariedade da documentação existente. Uma área crítica para o problema das migrações que levaram línguas Karib a ser faladas ao norte e ao sul do rio Amazonas, como é a do rio Xingu, deixa ainda muitíssimo a desejar do ponto de vista do conhecimento lingüístico. "Temos à frente um bom exemplo das necessidades de pesquisa das línguas indígenas brasileiras, apesar do muito já feito pelos pesquisadores do Summer, do Museu Nacional do Rio de Janeiro, do Museu Goeldi etc.

Dezessete são as línguas da família Aruák (Baniwa, Paresi, Terena, Waurá etc.) faladas no Brasil, cujas "relações entre si são ainda pouco conhecidas nos seus detalhes, não havendo bons estudos comparativos para determinar como se relacionam umas com as outras".

Antes de cuidar das chamadas "línguas gerais", último capítulo do livro, faz observações sobre as famílias lingüísticas menores ao sul do Amazonas (Guaikurú, Nambikwara, Txapakúra, Páno, Múra, Katikina) e sobre as famílias Tukáno, Makú e Yanomámi.

Extensa bibliografia (p. 111-127) orienta o leitor. Nela pode-se bem aferir do bom número de pesquisas desenvolvidas pelas instituições já mencionadas. Lastima-se, é certo, a omissão dos nomes de alguns autores, no caso J. J. Philipson, e um outro esquecimento. Aqui o exemplo seria o de German Guizzetti, saudoso autor argentino, estudioso do Guarani, com trabalhos publicados na *Revista de Antropologia* da Universidade de São Paulo.

E. A. Magalhães é especialista em línguas indígenas, professor da USP.

Informa o estudioso que "uma classificação interna, puramente lingüística, da família Karib depende sobretudo da